

A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO “ASSEMBLAGE”: A TEORIA DA ASSEMBLAGE DE MANUEL DELANDA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Email:
duduomadrugao@yahoo.com.br
xaviernetto@gmail.com

Luiz Eduardo Ferreira da Silva, Carlos Xavier de Azevedo Netto

RESUMO

A pesquisa aborda as relações entre a Teoria da Assemblage e o campo da representação da informação e tece considerações sobre os termos ‘ontologia social’, ‘multiplicidade’ e ‘composição’, à luz das reflexões de Manuel Delanda. Nossa hipótese é de que o campo da representação da informação pode ser ancorado no debate filosófico sobre a questão da Teoria da Assemblage. Tomamos como fundamentação a obra *New Philosophy Society*, que interliga esse debate do social no Século XXI e propõe um diálogo entre a filosofia de Giles Deleuze e a de Félix Guattari acerca dos aspectos sociais e de suas reflexões sobre a complexidade social. Adotamos como percurso metodológico a pesquisa teórica e a bibliográfica, no entanto, para interpretar a Teoria da Assemblage e o campo da representação da informação, utilizamos o método hermenêutico, para interpretar os conceitos de assemblage e representação da informação. Além dos autores acima referenciados, recorreremos a outros que desenvolveram estudos no campo da Filosofia e que influenciaram Manuel Delanda, principalmente no que se refere aos estudos sobre a complexidade social, porque a representação da informação é a raiz da organização e do uso da informação na Ciência da Informação, especificamente, da informação arquivística, porque nosso intuito foi o de evidenciar seus meios por intermédio da assemblage. Por fim, não menos relevante, visamos à busca filosófica da representação da informação na perspectiva da teoria de Manuel Delanda.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Assemblage. Representação da informação. M Ciência da Informação.

ABSTRACT

The research is approached relations between Assemblage theory and the field of information representation, making a deep approach in the following terms: social ontology, multiplicity and composition, in the light of the reflections attributed to Manuel Delanda. Our hypothesis is that the field of information representation can be reasoned in the philosophical debate about the question of Assemblage theory. The theoretical foundation is based on a book named *New Philosophy Society*, which links this debate of the social in the 21st century, proposing a dialogue between the philosophy of Giles Deleuze and Felix Guattari about the social aspects and their reflections about social complexity. The methodological procedures include bibliographic and theoretical research. However, it is adopted the hermeneutic method to make the interpretative action of assemblage theory and the field of information representation. This method is referent to the interpretation of the concepts of assemblage and information representation. Besides the mentioned authors, others were used in the research, once they developed studies in the philosophy field and influenced Manuel Delanda, especially in relation to the studies about social complexity because information representation is the root of organization and use of information in Information Science, specifically the representation of archival information, once it is aimed to evidence

its means by means of assemblage. Finally, but not less relevant, what it was looked for was the philosophical search of information representation from the theory of Manuel Delanda.

KEYWORDS: Assemblage theory. Information representation. Manuel Delanda. Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Uma pesquisa sobre a representação da informação, na perspectiva de Manuel Delanda, pede, a nosso ver, alguma fundamentação filosófica, porque os filósofos influenciam diferentes teorias e ciências. O olhar que Manuel Delanda lança sobre a Teoria da Assemblage está longe de ser meramente “passivo”, pois ele busca compreender os pormenores que integram a sociedade e a configuração complexa acerca dela.

O conceito de ontologia¹ social é um dos mais relevantes na obra do referido autor. Essa ontologia pode ser considerada o diferencial de sua abordagem, uma vez que ele aponta os elementos constituintes da sociedade, ou seja, os indivíduos e as organizações, em um processo de composição e de decomposição social. Nesse contexto é que buscamos pensar no campo da representação da informação como uma conexão de assemblage.

A assemblage aqui é “ilimitada”, porquanto atua conectando diferentes elementos de uma entidade, que Delanda chama de *campo social*. Desse modo, a representação da informação constrói uma assemblage, isto é, um agenciamento, já que liga vários elementos e comporta uma heterogeneidade de associações da coisa representada.

Assim, a representação da informação é adotada nesta pesquisa para apreendermos sua composição e associação no interior da Ciência da Informação, principalmente na relação do sujeito com o representado. Nas últimas décadas, houve uma expansão do termo “representação” na Ciência da Informação.

A representação carrega uma interrogação em seu significado, mormente em virtude da tentação dos rótulos e das definições que o acompanham. De todo modo, buscamos direcionar a representação da informação no contexto arquivístico, porque o representar tem uma relação direta com a descrição arquivística, que consiste em elaborar os instrumentos de pesquisa para recuperar a informação e ter acesso a ela através de um modelo multinível, como iremos expressar no exemplo empírico posteriormente.

Uma função arquivística comumente identificada como arranjo e descrição, processamento e, ocasionalmente, catalogação arquivística. O termo **representação arquivística**, mais precisamente, reúne as funções do arquivista de re(ordemar), interpretar, criar, substitutos e desenhar arquiteturas para sistemas de representação que contêm esses substitutos do próprio material arquivístico ou de suas representações. (YAKEL, 2003, p. 2).

Neste estudo, levantamos um debate sobre algumas questões da atuação da Ciência da Informação, na contemporaneidade, e sua relação com o conceito de representação da informação, mostrando a ontologia social que deságua na organização e no uso da informação.

¹ A ontologia de um filósofo seria um conjunto de entidades. Sendo assim, a ontologia, na percepção de Manuel Delanda, consiste, na maior parte, de uma *reconstrução social* como consequência das multiplicidades. O autor faz dessa multiplicidade seu ponto angular para perceber as intensidades.

Em suma, na Ciência da Informação, a representação da informação encontra-se abordada nos aspectos teóricos e metodológicos, principalmente com a criação de *termos* para representar e recuperar a informação. Diferentes autores, como Lara (1999); Dodebei, González de Gómez (1993); Guimarães (1990); Ortega (2009); Tálamo, M.F.G.M; Lara, M.L.G.; e Kobashi, N.Y (1992), consideram a representação como um fenômeno imprescindível para a Ciência da Informação. A representação tem uma função relevante, a de promover a organização e a recuperação da informação e o acesso a ela. Essas são ações fundamentais.

O conceito de representação é partilhado por diversos protagonistas, o que nos parece oportuno para *apreender* a representação da informação no contexto da Ciência da Informação e da Arquivologia, principalmente no que diz respeito ao sentido e ao funcionamento/uso, uma vez que, na arquivística, a representação da informação é uma atividade fundamental para facilitar a organização e a recuperação documental, isto é, a representação arquivística se refere ao planejamento intelectual que visa sistematizar as tipologias documentais para dar visibilidade aos conjuntos documentais nos arquivos.

Ressaltamos, no entanto, que esse entendimento foi constatado em um estudo sobre a Teoria da Assemblage, criada por Manuel Delanda, uma vez que exploramos a postura filosófica do autor em relação aos conceitos de substância, indivíduo, objeto, máquina, composição, decomposição, conexão e heterogeneidade. Assim, ao longo desta tese, pretendemos apontar as relações dessa teoria com o campo da representação da informação e sua relação direta com a representação descritiva da informação em arquivística. Tratamos de identificar os elementos da representação da informação, a qual é resultante de uma ação de expressividade, porque dará interesse de sociabilidade às coisas. Então, podemos pensar na representação da informação como uma infinidade de níveis sociais, ou seja, a representação é produzida por *devires* que são edificadas no terreno fértil da sociedade.

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar como a Teoria da Assemblage poderia atuar na representação da informação, por meio de um agenciamento, e buscar a possibilidade de ser ampliada, isto é, considerando que a *assemblage* acontece no conceito de representação da informação. Nossa proposta consiste em pensar na possibilidade de ampliar o conceito de representação, já que ele é como um mosaico que está no interior de uma realidade, e é nela em que o ponto da representação da informação poderá ser refletido em diferentes trajetórias de “assemblage” na Ciência da Informação.

Ao tomar a representação da informação como objeto de estudo desta pesquisa, sabemos que é difícil compreender conceitualmente seu significado, no entanto, como ponto de partida, consideramos importante identificar o plano social da representação, na perspectiva da Assemblage de Manuel Delanda, pois a representação pressupõe uma construção social² no ato relacional das coisas e de suas propriedades. Isso quer dizer que “os objetos são coisas que queremos representar, enquanto as propriedades são características dessas coisas” (DODEBEI, 2002, p. 28). Assim, as características e as propriedades estão presentes nos conjuntos documentais, principalmente quando representamos os fundos através dos níveis de descrição. “A representação arquivística foi, desde o Século XIX, o objeto central da disciplina, uma vez

² Se, um em um campo social, distinguimos o conjunto das modificações corpóreas e o conjunto das transformações incorpóreas, encontramos, apesar da variedade de cada um, duas formalizações: uma de conteúdo, e outra, de expressão (DELEUZE, 1995, p. 27).

que o Manual de Muller, Feith e Fruin é, antes de tudo, um manual para arranjo e descrição de arquivo” (BARROS, 2014, p.170).

E é por meio desse desenvolvimento que destacamos a relevância e a heterogeneidade que o conceito de representação assume no interior da Ciência da Informação, porque, com os produtos de um representado, o usuário terá acesso à informação de forma qualificada, quando recuperada e usada adequadamente.

2 MANUEL DELANDA: PERCORRENDO SUA TRAJETÓRIA

“Se falamos de trajetória, ou de itinerário, estaremos privilegiando o caminho, o percurso” (KOFES, 2001, p.24)

A trajetória é fundamental para destacarmos nossa intenção nesta pesquisa. O conceito de trajetória aqui utilizado refere-se a Bourdieu. Segundo esse autor (1996, p. 292), uma trajetória é uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”. Nesse sentido, buscamos compreender o percurso social e intelectual de Manuel Delanda, mostrando seu itinerário filosófico.

Em nossas reflexões sobre a trajetória, destacamos nosso afastamento pela ilusão biográfica³, pois, ao trazer para o escopo da pesquisa o trajeto de Manuel Delanda, procuramos delinear a construção do seu projeto filosófico e sua relevância social. Essa ideia é fundamental para que possamos entender suas influências filosóficas e as correntes que deram base para a construção da Teoria da Assemblage. Nesse sentido, optamos por adotar a trajetória, com o fim de compreender seu percurso pessoal e profissional. Essa opção se ampara em Bourdieu (1996), ao afirmar que toda

Trajетória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representam a história de uma vida.

Em sua análise, Bourdieu (1996) afirma que uma trajetória acontece nas relações entre o indivíduo e o campo simbólico onde ele está inserido, com a objetivação de um percurso social. O que tomou os aspectos filosóficos em Manuel Delanda foi sua incansável busca por compreender o mundo social. Logo, podemos compreender que a trajetória indicada por Bourdieu (1996) leva o agente a agir socialmente no mundo, e é nessa ação que Delanda constrói seu projeto filosófico, exprimindo as disposições do *habitus* presente na sociedade que, em sua filosofia, seriam as entidades coletivas para entender as complexidades sociais.

A Filosofia, para Manuel Delanda, não está num nível de *totalidade* que prende o entendimento da ontologia social. Ao contrário, seu projeto filosófico envolve multiplicidade, relações, composições e assemblages. Daí o motivo de se colocar de forma mais intensa, para entender as relações, os fluxos entre as entidades coletivas e as ontologias no universo da

³ Não pretendemos mencionar a história de vida, ao contrário, o distanciamento da biografia acontece para evidenciarmos o itinerário do filósofo mexicano. Buscamos compreender o mundo social de sua obra.

representação da informação. Assim, na compreensão filosófica desse autor, as ciências e as artes têm uma aproximação marcante, especificamente nas análises da realidade social.

A razão é que sua filosofia transita em outros domínios, como na Arquitetura, por exemplo. Salientamos, no entanto, que o projeto de Delanda é colocado através da Filosofia e que ele é fundamentalmente um “artesão” da Filosofia que ousou pensar nas ontologias sociais, pelos retalhos, pelos mosaicos que ele denomina filosoficamente de assemblages. Isso implica levar em consideração sua trajetória filosófica.

Enquanto uma ontologia baseada nas relações entre tipos gerais e instâncias particulares é **hierárquica**, cada nível representando uma categoria ontológica diferente (organismo, espécie, gênero), uma aproximação em termos **de partes e interação e todos emergentes** conduz a uma ontologia achatada, uma feita exclusivamente de indivíduos singulares, únicos, diferindo na escala espaço-temporal, mas não no status ontológico. (DELANDA, 2005, p. 58 tradução nossa)

Em sua trajetória, o autor parece querer criar uma forma viável de realismo social, para se contrapor aos não realistas (construtivistas sociais, idealistas), uma vez que essa questão realista é relevante em suas obras e é como um passo importante para sua filosofia, para estabelecer essa ontologia. Influenciado pelas leituras de Giles Deleuze e Félix Guattari, ele contextualiza a relação entre realismo e materialismo, e a ontologia é um conceito fundamental em sua obra. O autor entende que não há totalidade na “organização como um todo”. As pessoas interagem para produzir as organizações, que são constituídas na realidade complexa, por meio de relações que não se reduzem ao sentido de uma forma fixa. Por isso é proeminente identificar seu trajeto.

Nascido na cidade do México, em 1952, o filósofo e artista contemporâneo, Manuel Delanda, foi radicado nos Estados Unidos⁴, e mora em Nova York, onde atua como professor de Filosofia contemporânea de algumas universidades, inclusive na Europa⁵. Atualmente é professor adjunto de Filosofia contemporânea e Ciência na escola, na Universidade de Princeton⁶. Atua, ainda, no campo da Filosofia contemporânea, em outras universidades americanas e europeias: de 2003 a 2012, ensinou na Escola de Arte e Design da Universidade da Pensilvânia e foi professor visitante da Escola de Arquitetura da Universidade do Sul da Califórnia, onde lecionou um curso sobre urbanidade; foi professor adjunto da Escola de Pós-Graduação em Arquitetura, Planejamento e Preservação da Universidade de Colúmbia e professor adjunto da Escola de Arquitetura do Pratt Institute⁷.

⁴Si estoy en lo correcto, y la teoría social contemporánea está efectivamente volviendo a plantear viejas preguntas, es entonces urgente conocer el pensamiento y el lenguaje con los que algunos teóricos contemporáneos buscan proveer a la sociología de nuevas respuestas. Uno de ellos es precisamente esse *street-philosopher* mexicano Manuel DeLanda, radicado en Nueva York desde la década de 1980, cuando hiciera sus primeras incursiones en la filosofía contemporánea con un medio muy distinto, el del cine. Hoy Manuel DeLanda escribe y enseña filosofía en diversas universidades de Estados Unidos y Europa, y entre otras cosas se ha transformado en algo así como uno de los intérpretes oficiales de Deleuze. (FARIAS, 2008, p. 78).

⁵ Essa contextualização histórica e profissional de Manuel Delanda pode ser encontrada no link <http://egs.edu/faculty/manuel-de-landa>. Utilizamos esse canal devido à escassez de literatura que mencione esse caráter da trajetória do autor.

⁶Para obter mais informações sobre a trajetória histórica e profissional de Manuel Delanda, consultar o link <http://egs.edu/faculty/manuel-de-landa>. Recorremos a esse canal, devido à escassez de literatura que mencione essa trajetória do autor.

⁷As considerações históricas sobre Delanda podem ser encontradas no link: <http://egs.edu/faculty/manuel-de-landa>.

Começou sua prática como artista trabalhando em cinema; depois, em mídia digital, incluindo design de software e programação, antes de desenvolver seu trabalho em Filosofia. Seu aporte teórico e filosófico é influenciado, principalmente, por uma fusão da obra de Gilles Deleuze com a de Félix Guattari. Delanda, provavelmente, é o mais conhecido autor de Filosofia que pesquisa sobre os efeitos da Arquitetura na Arte em seus estudos sobre o materialismo na História e na Ciência⁸.

Delanda entende que sua filosofia deve ser vista como real, isto é, no mundo. Ela existe como tal numa complexidade concreta. Para ele, a assemblage é uma dimensão do real, um ponto de vista sobre os componentes, que cria uma relação de reciprocidade entre as diferentes propriedades que produzem esses componentes e está conectada em vários níveis, encurtando o distanciamento entre a parte e o todo.

Compreendemos que seu trajeto é cheio de detalhes, uma vez que a base de sua filosofia objetivou mostrar que a assemblage está no real através de uma complexidade. Suas obras são caracterizadas como uma correspondência de relações e reafirmam o caráter ontológico de sua abordagem, apontando para a primazia da realidade social. Essa ontologia de Delanda, influenciada pelas obras de Deleuze e de Guattari, é uma construção teórica que implica o movimento de compreensão do mundo.

É relevante apresentarmos a configuração de seu pensamento a partir de algumas obras específicas. Em 1991, ele publicou uma obra intitulada **War in the age of intelligent machines**, dividida em quatro capítulos principais: Introduction, Collision course, Bloodless transfusion e Policing the spectrum. Nessa obra específica, a discussão perpassa a relação do homem com algumas funções desenvolvidas em um contexto social, como, por exemplo, os sistemas, a inteligência artificial, o avanço das tecnologias, mormente, dos computadores, etc.

Em 1998, ele publicou o artigo **Markets and antimarkets in the world economy**, onde aprofunda uma discussão epistemológica sobre a reconceitualização das chamadas ciências duras, ou seja, as ciências exatas e da natureza, cujas características são a rigidez e a totalidade. Ele aponta que a Ciência é afetada pela História, com resultados que trariam benefícios para a sociedade.

Em 2000, uma nova publicação, **A thousand years of nonlinear history**, dividida em três capítulos principais: Introduction, Flesh and genes e Memes and norms. Nessa obra, Delanda percebe, através de um debate filosófico, as possíveis realidades históricas presentes na sociedade.

Em meados de 2002, publicou uma obra muito interessante - **Intensive Science & Virtual Philosophy** – em que ele apresenta o mundo de Deleuze e explora as colisões dentro da sua filosofia como materialidade, tempo, natureza, tecnologia, ciência, política arte e vida cotidiana.

2.1 A HERMENÊUTICA ACERCA DA TEORIA DA ASSEMBLAGE EM DELANDA

A característica mais elementar da leitura delandiana é o fato de propor a compreensão dessa realidade estabelecendo uma nova filosofia, no sentido de considerar que, no interior da

⁸ Essa contextualização histórica e profissional de Manuel Delanda pode ser encontrada no link <http://egs.edu/faculty/manuel-de-landa>.

sociedade, existe uma relação entre diversos componentes que a formam. Isso significa que a relação entre Delanda e seu itinerário filosófico consiste em dirigir um novo olhar sobre a realidade, ou mais precisamente, proferir uma nova modelagem dela. Nesse sentido, Delanda funciona como um artista filósofo que produz um mosaico teórico para reunir questões tão complexas. E, para fazer isso, ele utiliza a improvisação para fazer a colagem de conceitos complexos e produzir sua Teoria da Assemblage.

O que possibilita o autor a desenvolver e a estabelecer suas orientações básicas da complexidade social é sua inspiração na Arte e na Filosofia. E é justamente essa forma singular de pensar a realidade que constitui a centralidade de sua compreensão. E é nessa pluralidade filosófica que buscamos contextualizar o diálogo entre a representação e sua teoria. Entendemos a filosofia de Manuel Delanda como uma reflexão sobre a realidade, por meio da análise e da crítica sobre a sociedade e suas entidades. O projeto filosófico presente em suas obras trata de construir fundamentos que possam repensar os objetivos e as ações sociais. E é nessa perspectiva que atentamos para a tarefa de pensar na Teoria da Assemblage. Nosso interesse, ao tratar dessa teoria, é o de promover uma possível aplicabilidade na Ciência da Informação.

Além das exterioridades das relações, a Teoria da Assemblage é caracterizada por duas dimensões principais: uma que define o papel da variável que os componentes de uma assemblage podem desempenhar, e a outra de um papel que se expressa exclusivamente na realidade. As assemblagens estão sempre presentes na complexidade social, ou seja, nas relações de intensidade, e os elementos que compõem uma agência são especialmente complexos. Assim, Manuel Delanda argumenta que os componentes de um conjunto, tanto sociais quanto técnicos, são definidos com a contribuição de outros elementos para estabilizar ou desestabilizar os processos.

Entretanto, a noção hermenêutica da assemblage se dá a partir de uma “nova filosofia”, a das interpretações, principalmente na relação entre a sociedade e o indivíduo. Vale ressaltar que Delanda chama à atenção para as intensidades sociais em um fluxo contínuo, uma vez que a sociedade é composta de uma relação plural. Para o autor, a assemblage é uma composição que se forma por termos heterogêneos e estabelece relações entre si, com diferentes elementos, como instituições, indivíduos, organizações e igrejas. Delanda assevera que a assemblage não deve ser pensada como uma “totalidade”, pois essa teoria só pode ser contextualizada por meio interações multiníveis, uma articulação que vai das generalidades às particularidades no interior de uma complexidade.

Para esse filósofo, todas as assemblages têm um histórico, que ele denomina de “identidade”, em que cada uma é uma entidade coletiva, um indivíduo, uma comunidade, uma organização e uma cidade que só existem através de relações. Entende que estamos sempre lidando com *populações* (de pessoas, pluralidades de comunidades, multiplicidades de organizações, coletividades de centros urbanos, cidades), e é no interior dessas interações que as assemblages emergem como uma consequência.

A ideia de Manuel Delanda é de mostrar que uma assemblage pode atuar como uma fonte ilimitada de recursos para diferentes componentes, por exemplo, a sociedade e todos os elementos que a formam, pois uma assemblage habilitaria uma ação que faz com que as partes interajam umas com as outras, porque são irreduzíveis para tornar as propriedades dos componentes emergentes. Isso fica mais evidente quando pensamos na representação da

informação arquivística, cuja característica é de ser multinível, porquanto vai das generalidades às particularidades e aproxima elementos distintos.

3 A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A TEORIA DA ASSEMBLAGE: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Até aqui, ressaltamos a dimensão da Teoria da Assemblage apresentada por Manuel Delanda. É oportuno apontar as relações possíveis entre o campo da representação da informação e essa teoria. Nesse aspecto, um dos fatores relevantes para uma representação profícua é a organização da informação, porquanto o agenciamento do representado só será eficaz se a coisa estiver devidamente organizada.

Se a informação estiver devidamente organizada, poderá ser recuperada rapidamente no interior das instituições. Em resumo, de acordo com Delanda (2006), a organização da informação pertence ao universo das relações ou da multiplicidade, isto é, um agenciamento que concebe a qualidade e a análise da informação para atender aos usuários a contento. Logo, esse processo coloca em conexões vários elementos, entre eles, o usuário, a instituição, o profissional e a sociedade. No entanto, para estabelecer essas informações, é imprescindível descrevê-las. Descrever uma coisa é pôr as afinidades de suas características mais específicas em movimento.

Na descrição, cabe extrair diretamente do item todas as informações, de interesse para o usuário, que individualizam o item tornando-o único entre os demais. Cada item possui apenas uma descrição e cada descrição se aplica a um único item. (MEY, 1995, p. 39).

A organização é composta pelas ações dessas descrições e visa recuperar a informação mais eficiente. Desse modo, a organização da coisa, no campo da representação, envolve algumas ações, a saber:

- Identificar a existência de todos os tipos de recursos informacionais assim que eles estiverem disponíveis;
- Identificar trabalhos contidos nesses recursos informacionais ou partes deles;
- Agrupar sistematicamente esses recursos informacionais em coleções de bibliotecas, arquivos, museus, arquivos da internet, e outros tipos similares de repositórios;
- Produzir listas desses recursos informacionais preparadas de acordo com regras padronizadas para citação;
- Oferecer nome, título, assunto e outro acesso útil para esses recursos informacionais;
- Oferecer os meios de localização de cada recurso informacional ou uma cópia dele. (TAYLOR; JOUDREY, 2008, p. 5-7).

A organização da informação é fundamental para seu processo de representação. Sendo assim, para pensar na possível aplicabilidade da Teoria da Assemblage no campo da representação da informação, remetemo-nos à representação descritiva da informação na arquivística, porque, nessa área, a representação tem a função de estabelecer uma relação

multinível⁹, isto é, das generalidades às particularidades. Isso significa que a totalidade e a fixidez das partes não acontecem. Logo, isso é característico da Teoria da Assemblage, que conecta vários elementos e faz uma composição entre as partes e o todo.

A descrição que aqui apresentamos relaciona essa heterogeneidade da coisa com os diferentes elementos, uma vez que, na Arquivologia, a descrição é feita do geral para o particular. Com efeito, a representação descritiva, nessa área, é uma relação entre a prática e a teoria, que compreende diversas etapas, em cada uma das quais a contingência da multiplicidade vai se estabelecendo. Essa ação descritiva rompe com a “totalidade”. Isso quer dizer que as partes e o todo, no ato de descrever um fundo documental, serão efetivados se for possível fazer as composições entre as diferentes áreas descritivas. Esse todo, caracterizado na Teoria da Assemblage, é concebido como um agenciamento, uma composição de elementos que se interligam sem uma posição fixa, mas que podem ser díspares do todo sem perder sua característica.

Assim, na Arquivologia, a riqueza da representação descritiva reside nos relacionamentos entre essas áreas estabelecidas nas normas de descrição, como iremos abordar, e possibilita as relações das unidades e das partes que compõem um fundo documental. A representação, em nosso exemplo, é constituída de um plexo de relações dos elementos estabelecidos nas normas descritivas. É oportuno destacar que, nos aspectos teóricos e metodológicos da Arquivologia, existem algumas normas de descrição com características multinível e movimentos múltiplos, como a Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD – G), cuja primeira edição foi aprovada pelo Conselho Internacional de Arquivos em 1994, e a segunda, datada de 2000. Essa norma tem a função de identificar e de explicar o contexto e o conteúdo dos documentos arquivados. A rigor, divide-se em sete áreas de descrição, que irão manter uma relação entre si, quais sejam: a área de identificação, a área de contextualização, a área de conteúdo e de estrutura, a área de condições de acesso e utilização, a área de documentação associada, a área de notas e a área de controle da descrição.

A Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Pessoas Coletivas, Pessoas Singulares e Famílias (ISSAR-CPF) descreve as entidades (coletivas, famílias). Sua primeira edição começou a ser desenhada em 1993, para controlar os pontos de acesso, e sua principal função é de partilhar as descrições dos produtores de documentos, para visualizar as pessoas coletivas, as singulares e as famílias que produzem o documento. Essa norma está estruturada em quatro áreas de descrição: a área de identificação, a área de descrição, a área de relacionamentos e a área de controle.

A Norma Internacional de Descrição de Funções (ISDF) direciona a descrição de funções das entidades coletivas associadas à produção e à manutenção dos arquivos. Sua criação foi sendo desenhada no ano de 2005, devido à importância das funções no contexto de produção dos documentos para mostrar de forma mais aprofundada a origem dos documentos de arquivo. Essa norma está estruturada em quatro áreas.

A Norma Internacional de Descrição de Instituições com Acervo Arquivístico (ISDIAH) partilha regras gerais para descrever instituições com acervos arquivísticos. Sua criação e desenvolvimento aconteceram em meados de 2005, no entanto, sua versão final só foi

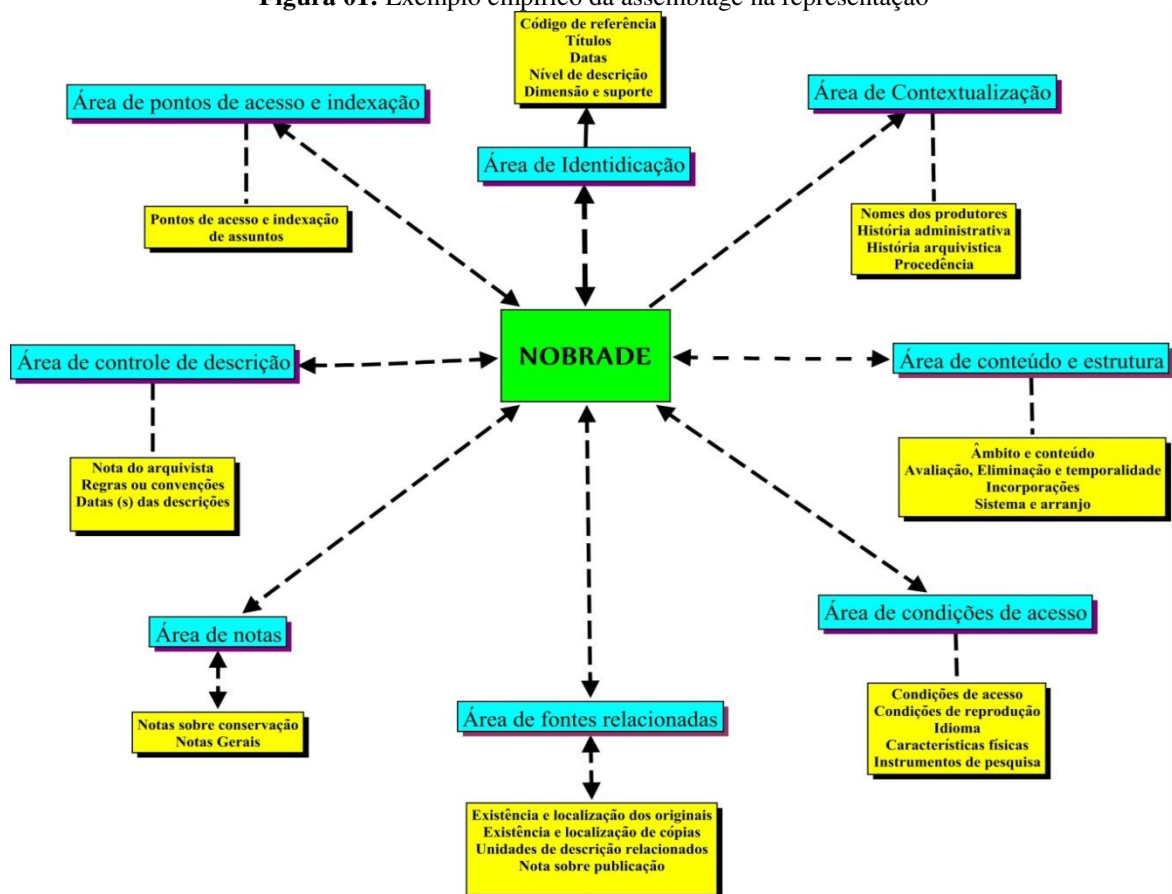
⁹Descrição estabelecida do geral para o particular, que tem o objetivo de representar o contexto e a estrutura do fundo e das partes que o compõem. Além disso, estabelece ligações das descrições, visando deixar clara a posição da unidade de descrição.

apresentada em 2008. Seu objetivo é de partilhar a descrição de entidades com funções de guardar documentações de arquivo. Foi dividida em seis áreas: a de identificação, a de contato, a de descrição, a de acesso, a de serviços e a de controle.

Por fim, temos a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), por meio da qual iremos apontar, de forma empírica, a relação possível de aplicabilidade da Teoria da Assemblage no campo da representação da informação. Seu objetivo consiste em adaptar as normas internacionais à realidade brasileira.

A Nobrade estabelece a descrição de documentos de arquivos compatíveis com as normas internacionais. Assim como as outras, ela vai fazendo o ato descritivo por meio de uma multiplicidade. Contempla oito áreas compostas de 28 elementos de descrição, quais sejam: a de identificação, a de contextualização, a de conteúdo e estrutura, a de condições de acesso e uso, a de fontes relacionadas, a de notas, a de controle da descrição e a de pontos de acesso e indexação de assuntos. Cada área é composta de outros elementos que só funcionam se se mantiverem relações uns com os outros, que Delanda chama de intensidade, como mostra a figura a seguir:

Figura 01: Exemplo empírico da assemblage na representação



Fontes: Dados da pesquisa - 2017

Na figura, as áreas destacadas de azul são compostas de uma multiplicidade de elementos e estabelecem relações umas com as outras, sem hierarquias ou pontos fixos. Elas interagem para que o processo de descrição aconteça na prática.

A descrição estabelecida pela Nobrade é compreendida pelo fundo documental, e sua característica fundamental é a aproximação entre as áreas descritivas e seus elementos. “A identidade do todo é determinada historicamente pelos processos que se iniciaram pelas partes” (DELANDA, 2011, p. 3). No entanto, sob o ponto de vista do autor, não podemos considerar o debate entre o todo e as partes como uma ação reducionista, já que os elementos se formam por meio das interações sem reificar totalidades. Ele “milita contra a ideia de totalidades de partes tão intrinsecamente relacionadas que ela ganha a sua verdadeira identidade porque essa vem a ser constituída por meio das relações das partes no interior do todo” (DELANDA, 2001, p.184).

Assim, a Teoria da Assemblage, relacionada à representação da informação descritiva, é uma multiplicidade de exterioridade que apresenta as interações entre diferentes partes. Nisso reside umas das preocupações do projeto filosófico do autor. Portanto, devido aos atributos que constituem uma assemblage, a representação se forma na diferença e nas conexões, porque, ligada à assemblage, é a garantia ontológica de um representado. Nesse sentido, podemos falar em três lógicas da relação da assemblage com a representação da informação: uma relacionada à multiplicidade das partes, isto é, o sentido de materialidade e exterioridade da coisa com suas partes extensivas; outra, ligada às verticalizações das partes; e o que trata dos movimentos entre os diferentes componentes que integram um elemento descritivo. Assim, a representação da informação é conduzida pela coexistência de convergência entre elementos distintos.

Finalmente, a concepção da assemblage, que promove uma intensidade, possibilita que pensemos na representação da informação como uma multiplicidade de componentes heterogêneos, mas não inseparáveis uns dos outros, o que Deleuze e Guattari chamaram de “zona de vizinhança¹⁰”, que estão muito clara na representação em arquivística, como a Nobrade, considerando as áreas de descrição que serão utilizadas para elaborar os instrumentos de pesquisa¹¹, pois representar a informação é um ato de criar e, conseqüentemente, um múltiplo. Logo, a representação da informação se desterritorializa e já não é mais um ponto fixo, isolado, mas uma convergência de elementos distintos.

A representação em arquivística passa a ser pensada a partir desse movimento da assemblage, em que um território e as áreas descritivas na Nobrade encontram as outras pela coexistência, e quando uma área se relaciona com a outra, chama-se de composição. Disso veio a ideia de que a representação descritiva da informação é uma questão de articulação, sobretudo quando proferida pela assemblage, em que o componente tem relação com o outro. Então, na representação em arquivística, através da Nobrade, em nosso modelo empírico, cada componente, ou seja, cada área de descrição remete a outras, estabelecendo conexões e vínculos constantes. Para Delanda, os componentes de uma assemblage são distintos, no entanto, funcionam nas transições, e a representação da informação aqui relacionada é uma fragmentação que se corresponde entre si.

¹⁰ Limites ou devires de um território.

¹¹ São obras de referência para publicar e divulgar os fundos documentais, como o guia, o inventário, o catálogo, o índice etc.

O elementos da representação na Nobrade, como apontado na figura anterior, estabelecem direções com o projeto filosófico de Delanda da assemblage, principalmente porque essa representação é um múltiplo de variações inseparáveis, e a ação descritiva na Nobrade acontece da generalidade às particularidades, para produzir uma ontologia, isto é, os instrumentos de pesquisas que beneficiarão, de forma profícua, a sociedade na consulta de um fundo documental.

Ainda em relação a Delanda, a representação em arquivística tem uma potência de multiplicidade, e a representação articulada à assemblage não é estabelecida de variações inerentes em suas partes, pois se configuram por ser multinível, logo, são esses postulados que a Teoria da Assemblage põe em questão quando se articula com a representação da informação. Ela visa dar uma importância social aos fenômenos ontológicos. Diremos, pois, que, quando uma assemblage é vinculada à representação da informação, define-se pelos vínculos entre seus elementos e estabelece uma associação. As relações da assemblage, como se vê, não isolam os elementos de uma representação, mas estabelecem entre suas propriedades ações correlativas.

Consideramos, mais uma vez, que a Teoria da Assemblage se vincula à representação da informação, que trata da relação dos elementos com o que se representa, com suas propriedades ontológicas. A representação da informação em arquivística, como vimos, está ligada a uma complexidade social, na medida em que as instituições, os sujeitos e os fundos documentais são estabelecidos por uma conjuntura social.

Para Delanda, não há nenhum elemento ontológico que não tenha, em torno de si, uma relação de intensidade, de mutações. Nesse cenário da coexistência correlata entre a assemblage e a representação da informação em arquivística, que aqui tentamos relacionar, a multiplicidade se destaca nas relações entre as áreas de descrição e seus elementos e as relações lógicas e as características que formam essas áreas.

A representação da informação em arquivística, relacionada à assemblage, é constituída por relações verticalizadas. Essa tarefa supõe que o campo da representação da informação não é descrito como uma “totalidade” de operações fixas, pois ela se dá por fragmentos que aparecem nas diferentes áreas, como vimos na Nobrade. A Teoria da Assemblage delandiana proporciona que se volte aos aspectos complexos da sociedade, às suas interações e intensidades, para vê-la não como uma totalidade composta de elementos fixos, uma vez que a assemblage delandiana se faz nos vínculos, nas correlações, e a Teoria da Assemblage se contrapõe às cristalizações, o que significa que um elemento nunca estará isolado, mas mantendo correlações. Assim, a representação da informação acontece em espaços de relações, porquanto é “produção” de uma interação social. Logo, se assemelha com o pensamento de Delanda, quando aponta que o princípio unificador das diferentes complexidades são as intensidades recíprocas pelos fluxos. O fato é que Delanda, sem seu projeto filosófico, adverte-nos de que é imprescindível pensar nessa complexidade como um *uno isolado*.

Essa filosofia do autor comporta um sentido peculiar - o dos retalhos, das ligações distintas, do significado. Compreender o campo da representação da informação, como uma relação possível com a Teoria da Assemblage exigiria compreendê-la como uma heterogeneidade ontológica, que coloca em conexões vários elementos para representar uma coisa. Para ele, a sociedade é um destinatário concreto de intensidades múltiplas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória filosófica de Manuel Delanda destaca, conforme apontamos, a heterogeneidade, a multiplicidade e as interações, pois sua leitura é inteiramente baseada em Deleuze e em Guattari, por tratar a Filosofia como um movimento complexo. Nesse aspecto, procuramos entrever Delanda e o campo da representação da informação, principalmente a partir da proposta do autor, uma vez que buscamos pensar a composição de elementos distintos como um dos processos fundamentais para a representação da informação e sua relação com a assemblage.

Conforme referido ao longo desta pesquisa, essa filosofia artista de Delanda em relação à assemblage, não se dá por uma totalidade, fixação, mas por verticalizações entre as partes que formam um componente, sobretudo porque a assemblage não opera por centralidade. Isso ficou visível com o exemplo empírico da representação na Arquivística. Ao longo de sua obra, como já mencionado, Delanda deixa indícios de que a Teoria da Assemblage se configura nas multiplicidades. Diria ele que a assemblage anula os pontos fixos de um componente ou elemento em uma realidade ontológica. No entanto, no Brasil, são poucos estudiosos que vêm se dedicando profundamente às reflexões teóricas desse autor contemporâneo.

Os mecanismos de composição de uma assemblage são focados na quebra das “totalidades”. Por essa razão, essa teoria se mostra potencialmente possível para o campo da representação da informação e, impregnada dessa multiplicidade e heterogeneidade, faz os elementos estabelecerem relações com uma complexidade. Vimos que a assemblage comporta uma dimensão “não fixa”, um dos principais apêços do filósofo, sobretudo em reposta ao idealismo e ao construtivismo de uma noção orgânica. Sobre esse aspecto, Delanda chama à atenção para a relação entre a assemblage e as ontologias sociais.

O que mais nos interessou de perto foi a parte em que a assemblage se tornou uma composição, por meio da análise fina que Delanda colocou nessa teoria, especificamente na perspectiva de mostrar as territorialidades e as desterritorialidades de uma realidade complexa. Todavia, a assemblage apresentada filosoficamente por Delanda trouxe uma nova dimensão para pensarmos sobre os aspectos ontológicos de uma representação na Ciência da Informação e arquivística.

A nosso ver, essa proposta de Manuel Delanda, de uma teoria que agencia variados elementos, é imprescindível para articularmos com o campo da representação da informação, que, por esse véis, é permeada por uma variedade de elementos que convergem. A maneira como Delanda traça seu trajeto filosófico evidencia a possibilidade de uma intensidade das diferenças que formam uma sociedade, porque ele entende que essa sociedade remete a uma dimensão complexa. Por fim, a representação da informação, relacionada à assemblage, reage sobre os pontos fixos do que se representa, isto é, a representação da informação converge para a multiplicidade. Considerando tudo o que foi abordado até aqui, não resta dúvida de que a representação da informação acontece nas disjunções, porque seus elementos são inseparáveis, como vimos no exemplo empírico da Nobrade, uma área se relaciona com a outra. Por fim, a representação da informação agenciada pela assemblage faz coexistirem as características mais específicas das coisas, que Delanda chamou de complexa e intensa.

REFERÊNCIAS

- DELANDA, M. **A thousand years of nonlinear History**. New York: Zone, 1997.
- DELANDA, M. **Intensive Science and virtual Philosophy**. London: Continuum, 2002.
- DELANDA, M. '(Essay)', in **Machining Architecture**. London: Thames & Hudson, 2003.
- DELANDA, Manuel. **A New Philosophy of Society - Assemblage theory and social complexity**. Londres: Continuum, 2006.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi. 2ªed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. 1º vol.** São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. 2º vol.** São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, Editora 34, 2010.
- _____, G. **O que é filosofia**. 3º ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DODEBEI, V. L. D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2002.
- FARÍAS, Ignácio. Hacia una nueva ontologia de lo social Manuel Delanda em entrevista. **Persona y Sociedad**, v XXII, nº 1, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. A recuperação temática da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.16, n.3/4, p.112-130, jan./dez. 1990.
- GUATTARI F. ; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUIMARÃES, J. A. C. Perspectivas de ensino e pesquisa em organização do conhecimento em cursos de Biblioteconomia: uma reflexão. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001.
- KOFES, Suely. **Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- LARA, M. L. G. de. **Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo.

LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. Os ENANCIBs e a Ciência da Informação brasileira: introdução. In: _____. **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010.

MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da organização e representação do conhecimento na ciência da informação no Brasil**. Marília, 2014. 185 f. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Programa de pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2014.

TAYLOR, A. G; JOURDREY, D.N. **The organization of the information**. 3.ed. Westport: Libraries Unlimited, 2008. 513 p.

TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G.; KOBASHI, N.Y.(1992) Contribuição da Terminologia para a elaboração de Tesouros. **Ciência da Informação**, v.21, n.3, p.197-199, 1992.

WILLIAMNS, James. **Pós-Estruturalismo**. 2ºed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZOURABICHVILI, F. **Le vocabulaire de Deleuze**. Paris: Ellipses, 2003.

_____ *Deleuze: une philosophie de l'événement*. Paris: PUF, 2004.